

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RACHID, Roberta¹
BRESOLIN, Fernanda²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender sobre as estratégias pedagógicas e métodos eficazes para alfabetização e letramento de estudantes na educação infantil. Os objetivos específicos buscam analisar os pressupostos teóricos acerca da alfabetização e letramento na Educação Infantil e propor atividades lúdicas para a alfabetização e letramento na pré-escola. Neste sentido, entende-se que a fase da alfabetização é importante para o processo de desenvolvimento da criança, e inicia-se antes mesmo do processo de aprimoramento da leitura e da escrita, seja nas atividades de movimentos corporais, seja nas múltiplas atividades que envolvem o lúdico tais como jogos, brinquedos, brincadeiras cantadas, entre outras que motivam e estimulam a criatividade da criança. A metodologia utilizada para este estudo foi revisão de literatura, buscando diferentes referenciais teóricos em bancos de dados. Como resultado fica evidenciado que o brincar traz grandes descobertas e leva a criança a aprendizagem de maneira prazerosa. Assim as escolas precisam cada vez mais se envolver com esta temática e possibilitar atividades diferenciadas nos primeiros anos escolares.

Palavras-chave: Educação. Letramento. Alfabetização. Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Alfabetizar passa a designar o aprendizado inicial de leitura e escrita enquanto letrar expressa o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, bem como o uso de habilidades em práticas sociais, é um estado ou condição que adquire um grupo social. Aprender a ler e escrever, é aprender a

1. Aluna do Curso de Pós-Graduação do Centro Universitário Internacional UNINTER- Professora da rede Municipal de Almirante Tamandaré. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, no Curso de Pós-Graduação Alfabetização e Letramento do centro Universitário Internacional UNINTER.

2. Professora Orientadora de TCC do Grupo UNINTER, graduada em Comunicação Social - Jornalismo (Universidade Tuiuti do Paraná) e em Pedagogia (UNINTER). Pós-graduada em Alfabetização e Letramento (UNINTER).

ler o mundo, compreender o seu contexto numa relação dinâmica vinculando linguagem.

Os estudos do letramento partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. Na perspectiva social da escrita, uma situação comunicativa que envolve atividades que usam ou pressupõem o uso da língua escrita – letramento – não se diferencia de outras situações da vida social: envolve uma atividade coletiva, com vários participantes.

O objetivo geral traçado foi compreender sobre as estratégias pedagógicas e quais os métodos para que o docente consiga alfabetizar letrando na educação infantil. Como objetivos específicos emergiram analisar os pressupostos teóricos acerca da alfabetização e letramento na Educação Infantil e propor atividades lúdicas (jogos e brincadeiras) para a alfabetização e letramento na pré-escola.

Da problemática surgiu o seguinte questionamento: que métodos e estratégias pedagógicas são necessários para que o docente consiga alfabetizar letrando na Educação Infantil? Esta pesquisa foi motivada pelos constantes debates acerca da alfabetização na educação infantil, pois na atualidade os docentes temem antecipar a fase de aprendizagem da leitura e da escrita propriamente dita, antes dos 6 anos de idade, entendendo que pode ocorrer de a criança perder outras atividades lúdicas necessárias antes dessa idade e que ela se afaste do lúdico.

Porém, uma visão errônea, pois é possível aliar a escrita as atividades com outras linguagens (música, brincadeira, desenho etc.) No entanto, entende-se que na Educação Infantil a criança está familiarizando-se no mundo da escrita, sendo essencial para a alfabetização do educando nessa etapa. Neste sentido vale ressaltar o que o professor da Educação Infantil e séries iniciais enfrentam dificuldades na alfabetização que são agravadas tanto pela herança do analfabetismo e das desigualdades, quanto pela ampliação do conceito de alfabetização e das expectativas da sociedade em relação a seus resultados. Tem-se também alegado que o problema da alfabetização escolar tem como base principal a implantação de metodologias de ensino baseadas no construtivismo e no conceito de letramento.

É importante frisar que nem sempre um método que funciona com um estudante irá funcionar com o outro, por isso não se deve utilizar apenas uma forma de ensinar, é preciso que o professor seja eclético, diversificado, pois quando o estudante não consegue acompanhar determinada atividade, pode estar associada ao método utilizado, podendo entender melhor de outra maneira, com outros meios de mediação.

Muitos conceitos estudados podem ser abstratos demais para a criança pequena e para isso o professor precisa ser desafiador e propor novas estratégias. Também precisa avaliar as necessidades do grupo, principalmente dos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

O processo de alfabetização na sociedade vem sofrendo grandes mudanças e com ele muitos desafios com a nova proposta de alfabetizar e letrar. Tornou-se a princípio um tanto confuso, pois são conceitos diferentes, no entanto, indissociáveis.

A psicomotricidade é uma ciência capaz de auxiliar os professores nesta fase da educação infantil trazendo maior desenvolvimento da criança nos aspectos motores e junto com estas mediações poderão se utilizar de recursos importantes para aprimorar a alfabetização. Movimentos corporais ajudam o estudante a adquirir equilíbrio, atenção, força, resistência, entre outros capazes de ajudar a criança.

A pesquisa foi realizada com base em revisão de literatura, buscando um parâmetro de análise entre as obras pesquisadas em bancos de dados como Scholar, Scielo, sites universitários, entre outros. Os instrumentos de pesquisa foram leitura e análise de teorias e conceitos sobre a infância e a educação infantil.

No primeiro tópico aborda aspectos sobre a alfabetização, posteriormente importantes aspectos sobre a psicomotricidade e as contribuições dos jogos psicomotores na educação infantil. E por fim sobre os jogos e brincadeiras como recursos pedagógicos.

2 ASPECTOS QUE ENVOLVEM A ALFABETIZAÇÃO

Sobre a terminologia alfabetização e letramento “são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao

mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária” (SOARES, 2003, p. 90). O conceito de letramento tem sido muitas vezes utilizado como sinônimo de alfabetização, no entanto ele se diferencia por ser um complemento deste processo, sendo atuante paralelamente, na qual um depende do outro.

Esse novo conceito, apesar de inicialmente trazer muitas indagações, veio agregar a alfabetização uma nova visão, com a intenção de aprimorar ainda mais o educando, não apenas no contexto escolar, mas em diversos contextos sociais (SOARES, 2013). Neste contexto de mudanças busca-se esclarecer sobre as estratégias pedagógicas e quais os métodos para que o docente consiga alfabetizar letrando.

Sobre este questionamento buscou entender que ensinar as crianças a ler, escrever e a se expressar de maneira competente é o grande desafio dos professores, uma vez que a atual realidade social colocou novas demandas e necessidades, tornando obsoletos os métodos e conteúdos tradicionais que acabam dificultando o processo de aprendizagem da linguagem (FERREIRO, 1993).

Não é obrigatório dar aulas de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever, para explorar as semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar e ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem nos mais diversos objetos (FERRERO, 1993, p. 39).

Segundo o PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – (BRASIL, 2012) a educação infantil é uma etapa da educação básica, talvez a única cuja estrutura permite uma maior exploração pelas crianças das diferentes linguagens. A organização também sugere que o brincar seja tomado como o eixo do trabalho com a linguagem escrita. Essa clareza do papel da Educação Infantil também permite que o educador explore o máximo possível as diversas manifestações e possibilidades de aproximação das crianças da cultura escrita.

Até mesmo o trabalho sistemático com a expressão e a argumentação orais, muitas vezes negligenciado nas etapas posteriores da escolarização,

pode contribuir com esse processo de ampliação da participação das crianças na cultura escrita. Diante disso, cabe ressaltar que a alfabetização e letramento iniciam-se na educação infantil, as crianças elaboram hipóteses sobre a língua escrita, antes mesmo de começarem a ser alfabetizadas (FERREIRO; TEBEROSKY, 2006).

Considera-se a importância das práticas pedagógicas na educação infantil como fundamentais, pois precedem de certa forma a aquisição da leitura e da escrita, não só favorecendo, mas dando início ao processo de alfabetização e letramento:

Se as atividades realizadas na pré-escola enriquecem as experiências infantis e possuem um significado real para a vida das crianças, elas podem favorecer o processo de alfabetização, quer em nível do reconhecimento e representação dos objetos e das suas vivências, quer a nível da expressão de seus pensamentos e afetos (ABRAMOVAY; KRAMER, 1985, p. 37).

Desta forma, pode-se percebê-los como atividade natural e espontânea das crianças junto a qual o adulto tem pouco a fazer ou a dizer. É possível também pensar nas muitas formas de participação do adulto nas brincadeiras: propondo, provocando, orientando, escutando, interpretando, ou delas participando, criando situações fictícias, ampliando a criação imaginária das crianças, ou mesmo assumindo papéis nas brincadeiras (BRASIL, 2012).

Sendo assim, percebe-se a importância dos primeiros passos da alfabetização e letramento na pré-escola, atrelada ao lúdico trazendo junto com seus conhecimentos prévios e a aprendizagem, sabe-se, no entanto, que esse conhecimento é uma herança cultural, pois a criança é envolvida num mundo de leitura e escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 2006).

As atividades de interpretação e de produção de escrita começam antes da escolarização, como parte da atividade própria da idade pré-escolar; a aprendizagem se insere (embora não se separe dele) em um sistema de concepções previamente elaboradas e, não pode ser reduzido a um conjunto de técnicas perceptivo motoras (FERREIRO; TEBEROSKY, 2006, p. 42-43).

No entanto, evidencia-se que o letramento e a alfabetização estão incorporados na etapa da vida da criança, dessa maneira evidencia-se na pré-escola a necessidade de aprimorar as práticas pedagógicas, sendo de

fundamental importância nessa fase o despertar para a leitura. A criança já está inserida num mundo letrado que está interligado em suas diferentes experiências culturais e sociais.

Ferreiro (2002) defende a ideia de que o ambiente alfabetizador possa trazer ao cotidiano da criança a linguagem escrita e então poderia contribuir para que essas crianças possam ter oportunidades de construir esses conhecimentos. Contudo torna-se indispensável o fazer pedagógico, no qual o professor da educação infantil deve refletir suas práticas e compreender o processo e sua complexidade.

São os adultos que fragmentam os conhecimentos e promovem a cisão entre Educação Infantil e Ensino Fundamental, escolhendo o que pode e o que não pode ser trabalhado. Para que alfabetização e o letramento possa concretizar-se de maneira prazerosa e significativa, é necessário que se tenha um objetivo claro e significativo, que contemple e atenda os anseios dos educandos (FERREIRO, 2002).

Portanto, o professor não deve limitar suas práticas, mas recriá-las, as adaptando ao educando não só a aprendizagem, mas o prazer em aprender, fazer do conhecimento a melhor parte da brincadeira. Pois nessa etapa a criança deve ser estimulada, nesse momento promove-se o despertar da leitura e da escrita. Nesse momento os jogos e as brincadeiras permeiam o saber infantil (SOARES, 2013).

Os primeiros passos da criança no mundo da escrita, fora e antes da instituição educativa, ocorrem, em geral, de forma assistemática, casual, sem planejamento; é a escola que passará a orientar, de forma sistemática, metódica, planejada, os processos de alfabetização e letramento. Como consequência, a necessária organização do tempo escolar obriga a definir uma fase durante a qual a criança deve apropriar-se formalmente do sistema alfabético e ortográfico e das práticas letradas mais adequadas e pertinentes à infância (SOARES, 2013, p. 18)

Smolka (1993) afirma que a criança aprende de forma mais eficaz quando se envolve em atividades coletivas que tenham significado para ela e quando orientada por alguém que tenha competência. Para isso, o docente envolve a criança num mundo lúdico, no qual brincar é aprender. Neste sentido pode-se destacar que:

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017, p. 15)

A criança apropria-se no mundo da leitura e da escrita naturalmente, no entanto é por meio de jogos e brincadeiras que constrói significados, como destaca Vygotsky (2002), ao analisar a importância da brincadeira de faz de conta, pois é no espaço da brincadeira que a criança constrói sentidos que possibilitam o processo de apropriação da leitura e da escrita.

Evidentemente que é possível aprender a ler e escrever com as tradicionais cartilhas que usam o método da silabação; entretanto, atualmente percebe-se que tal procedimento leva à mera codificação (representação escrita de fonemas e grafemas) e decodificação (representação oral de grafemas em fonemas), reduzindo a alfabetização a uma esfera mecânica. Em decorrência disso surge o Letramento para atender as necessidades de um novo contexto social no qual não basta apenas alfabetizar e sim, alfabetizar e letrar.

Buscando uma dicotomia entre alfabetização e letramento, no qual codificar e decodificar associam-se as práticas sociais, ou seja, o uso da leitura e da escrita não somente dentro da escola, mas em diferentes contextos. Contudo, são conceitos distintos, porém, indissociáveis. Segundo Soares (1998), a expressão Letramento aparece no contexto da educação a partir do momento em que se tornou necessário enfrentar uma realidade social no que se refere a aquisição da língua escrita: saber e escrever na atualidade não é suficiente é imprescindível fazer uso do ler e escrever.

Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais, ou seja, é o conjunto de práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 1998, p. 72).

Alfabetizar na perspectiva do letramento, envolvendo o uso de diferentes gêneros textuais, despertando o prazer pela leitura e escrita, mesmo quando o

aluno esteja em processo de construção da escrita. O professor enquanto mediador, deve acompanhar o processo de leitura e escrita, analisando os erros construtivos e estimulando o interesse pela leitura e produção de texto. “O trabalho com os textos ocorre de modo articulado ao ensino de gêneros, de forma que refletir, sobre o gênero seja uma estratégia que favoreça a aprendizagem da leitura e da produção de texto” (BRASIL, 2012, p.9).

Segundo observações sistemáticas realizadas pela autora deste projeto, as crianças da pré-escola demonstram bastante interesse diante de atividades mais lúdicas, como jogos e brincadeiras. Envolvem-se com facilidade, conseguindo concentrar-se e atingir os objetivos propostos (BRASIL, 2012).

Sabe-se que diferentes atividades realizadas são permeadas pela língua escrita. Independente do fato das crianças saberem ler, elas realizam práticas que envolvem a leitura e a escrita. Quando não dominam o código, utilizam diferentes estratégias que possibilitam, mesmo que de forma restrita, a participação em eventos sociais permeados pela escrita. Dessa forma, o presente projeto propõe fortalecer, reafirmando através de diferentes estudiosos da área o processo de alfabetização e letramento através de atividades lúdicas (jogos e brincadeiras).

Conclui-se que os três pontos explicitados - o gesto, o desenho e o jogo - têm em comum o aspecto simbólico, pois são formas de representação de algo. O gesto, o desenho e o jogo seriam fases preliminares que contribuem para o desenvolvimento da linguagem escrita. Contudo, a criança precisa caminhar em direção de uma descoberta fundamental: “[...] a de que se pode desenhar, além de coisas, também a fala. Foi essa descoberta, e somente ela, que levou a humanidade ao brilhante método da escrita por letras e frases; a mesma descoberta conduz as crianças à escrita literal” (VYGOTSKY, 2002, p. 153).

Diante disso a educação infantil deve ser repensada de forma que seu grau de apropriação depende do ambiente, o qual irá lhe propiciar aprendizagens significativas, com as interações sociais atreladas a leitura e a escrita, porém dialogando com a ludicidade, e a intencionalidade de provocar experiências capazes de promover a abertura a novas experiências.

2.1 PSICOMOTRICIDADE E EDUCACÇÃO

A psicomotricidade tem contribuído no campo da educação de maneira importante, pois com intenção de ampliar a visão sobre os movimentos corporais e sua prática pedagógica com crianças em diferentes faixas etárias, tem proporcionado de maneira lúdica as atividades motoras. Quando a criança é estimulada em diferentes aspectos motores ela consegue se desenvolver nos diferentes aspectos.

A psicomotricidade é a relação entre os aspectos psicológicos, motores e cognitivos no desenvolvimento do ser humano desde a fecundação até o fim de sua vida. É a relação entre o querer fazer (psicológico); saber fazer (cognição); e poder fazer (capacidade motora). Essa ideia apresentada por Louro (2006), foi o referencial deste trabalho (COSTA, 2015, p. 14).

Muitas das atividades em sala de aula são beneficiadas com o trabalho desenvolvido nas áreas de desenvolvimento motor. Por isso é de dever de todos professores envolvidos no processo de alfabetização que planejem atividades significativas para desenvolvimento global do estudante. As atividades cooperativas essenciais na construção de identidade e de desenvolvimento das percepções (SANTOS; COSTA, 2015).

A psicomotricidade é atuante, dentro de uma visão de “ciência e técnica, tendo como foco a Educação Física, a partir de uma visão mais ampla em que o homem deixa de ser percebido como um ser essencialmente biológico, para ser concebido por visão abrangente” (SANTOS; COSTA, 2015, p. 03). Assim, a bagagem cultural e histórica que a criança e o professor trazem para sala de aula devem ser respeitadas e consideradas nos momentos das interações.

O estudo realizado por Le Boulch (1982 apud COSTA, 2015), aponta três fases do desenvolvimento psicomotor da criança, que são: “Corpo vivido”, “corpo percebido” e “corpo representado”. Na primeira etapa “corpo vivido” que compreende de 0 a 3 anos de idade, a criança ainda não consegue perceber o seu “eu” ainda é uma mistura daquilo que ela vive a sua volta. “Se confunde com o espaço em que vive. Corresponde a fase da inteligência sensório-motora de Piaget. Com o amadurecimento do sistema cognitivo, a criança passa pouco a pouco através de experiências vividas a se diferenciar do meio em que vive” (COSTA, 2015, p. 16). A segunda etapa que é o “corpo percebido” que corresponde de 3 a 6 anos:

Nesta a fase a criança já tem um melhor controle sobre o seu corpo, passa a desenvolver e a organizar seu esquema corporal. O amadurecimento da função de interiorização auxilia a criança na sua percepção de seu próprio corpo e espaço. A criança passa a aprimorar seus movimentos e coordenação, associa seu corpo com os objetos do meio em que convive. Graças às experiências vividas na fase anterior consegue ter uma representação mental dos elementos e do espaço. Seu corpo passa a ser seu ponto de referência para se situar no espaço e situar os objetos em seu espaço e tempo. Le Boulch (1982), caracteriza o final desta fase como pré-operatório de Jean Piaget (COSTA, 2015, p. 16).

São fases em que a criança passa como elaboração das suas ações, amadurecimento de tudo que acontece em sua vida e o professor deve ajudar neste processo. A educação física deve trabalhar atividades como rolamento, arremesso, noção de espaço: em cima, embaixo, do lado, dentro, fora, etc. a terceira e última frase citada é a “corpo representado” que vai dos 7 aos 12 anos. Aqui a criança já tem noção de seu corpo no mundo, reconhece-se a si mesma e os outros e já consegue se posicionar frente a situações corriqueiras do dia a dia.

No entanto, para que todas suas ações psicomotoras estejam bem desenvolvidas, é preciso um trabalho importante na área da educação física escolar nas duas primeiras fases citadas anteriormente, caso contrário a criança poderá apresentar problemas de registros escritos, problemas de coordenação motora, de visão espacial, de lateralidade, de esquema corporal, etc. (COSTA, 2015).

2.2 JOGOS E BRINCADEIRAS COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS

Muitas possibilidades de jogos que atuam na ampliação de habilidades motoras são seculares e foram passadas de geração a geração. “Os jogos tradicionais infantis são experiências transmitidas espontaneamente por uma motivação interna da criança. As crianças brincam com motivação, sem obrigação, apenas pelo prazer de fazê-lo” (SOUZA, 2009, p. 61). São as brincadeiras folclóricas as cantigas de roda, as brincadeiras e jogos de quintais, os momentos de fim de tarde que no passado reuniam-se famílias inteiras e

vizinhos para um bate papo e café no quintal, práticas estas que atualmente quase não se vê.

O jogo acompanhado de forma paralela a evolução do Homem, desde os primórdios até à atualidade, estando presente em todas as civilizações. Podemos considerar o jogo como a forma primária de ocupação dos tempos de ócio, permitindo deste modo tornar possíveis os mesmos momentos como formas de recreação e divertimento (CAETANO, 2004, p. 19).

Estes momentos eram recheados de jogos e brincadeiras como entretenimento, e devido a estas referências a educação contemporânea valoriza as atividades escolares sobre este viés lúdico que permita que a criança seja criança e não um adulto cada vez mais precoce. As pessoas matriarcas e patriarcas da família tinham o hábito de sentar-se com as crianças e passar a elas seus conhecimentos de mundo e muitas vezes por meio de brincadeiras realizavam uma interação única.

Falar de jogo é falar de pulsão de prazer, uma vez que este é uma característica definitiva do jogo. Estar capacitado para fazer a leitura simbólica do jogo infantil pode ser um bom começo para entender o itinerário do prazer de pensar, portanto o jogo faz com que a criança aprenda a pensar refletir sobre os temas abordados em sala de aula (PACAGNAM, 2013, p. 11).

Muitas das brincadeiras ainda são resgatadas em sala de aula visando levar as novas gerações alguma contribuição dos tempos dos avós, bisavós, etc. Almeida (2014) propõe em sua obra algumas atividades folclóricas que são resultados de suas compilações pelo Brasil. Ele apresenta as brincadeiras e jogos como recursos lúdicos capazes de ajudar nas mais variadas possibilidades de interação.

A ludicidade: constitui o aspecto fundamental das culturas infantis. A ludicidade ocupa um lugar especial na vida das crianças, pois é uma das principais formas de ação das crianças sobre o mundo. Dessa maneira, as crianças brincam continuamente, ao contrário dos adultos. Com base na natureza interativa do brincar, aspecto que se constrói pelas ações coletivas e pela partilha, a ludicidade é a atividade propiciadora da aprendizagem da sociabilidade (SOUZA, 2009, p. 54).

Almeida (2014) propõe na sua obra alguns jogos e brincadeiras que observou durante suas viagens a muitas comunidades pelo Brasil e anotou

várias das brincadeiras que ainda são realizadas. Entre elas estão: ABC cidade; A baratinha; A fazendinha; Adedanha; Anelzinho; Assassino e detetive; Balança Gangorra; Bandeirinha; Batata Quente, entre tantas outras que seguem a ordem alfabética. São brincadeiras simples, que não usam muitos recursos além do próprio corpo, e que leva a criança a brincar aprendendo. Ela se diverte e sem perceber atinge os objetivos pretendidos na aula.

Há jogos cantados, jogos de mãos como propõe Souza (2009, p. 41) na sua visão, A participação das crianças em “brincadeiras faz com que se envolvam mutuamente com seus parceiros em tradições culturais que as precedem e às quais elas contribuem para ampliar, modificar, e desenvolver novas atividades lúdicas, brinquedos, brincadeiras e jogos”. A mesma autora explica ainda que há algumas vertentes que caracterizam pesquisas sobre práticas culturais infantis:

As quais eles consideram, de certa maneira, problemáticas, pois situam as relações das crianças com seus pares fora do contexto social: (I) a primeira sugere que a Cultura da infância encontra-se expressa em um conjunto de formas culturais distintas chamadas brincadeiras, deixando de fora as relações entre os adultos e as crianças e destas com o contexto social mais amplo, (II) a segunda aborda a Cultura da infância como os contextos das vidas sociais cotidianas das crianças entre seus pares, separando o mundo infantil do mundo adulto (SOUZA, 2009, p. 51).

O brincar para a criança é algo natural pois tudo a sua volta vira brinquedo e ela interage com o meio tirando proveito para suas atividades. A observação de “uma criança brincando, notamos que qualquer objeto, seja uma folha de papel, uma garrafa de plástico, um simples pedaço de madeira, enfim, qualquer ideia ou situação pode tornar-se um brinquedo ou uma brincadeira” (SOUZA, 2009, p. 56).

Para Pacagnam (2013) os jogos podem ser classificados em jogos práticos, jogos simbólicos e jogos de regras. A definição para os jogos práticos, é de que desenvolve de maneira específica habilidades sensório-motoras. E tem como foco principal deixar a criança brincar e se divertir. Em relação aos jogos simbólicos:

Ao brincar com os jogos simbólicos, a criança terá que imaginar criar situações que a leve a copiar o seu cotidiano, sua forma de ver vida, sem regras, já os jogos com regras utilizamos mesmo depois de

adulto para tanto é necessário compreender-se as regras que regem esses jogos, para tanto será necessário a utilização do raciocínio, tendo-se os sentimentos de vitórias e derrotas e ainda é lhe permitido a escolha se quer ou não jogar naquele determinado momento (PACAGNAM, 2013, p. 20).

Já os jogos sensórios motores “são jogos em que a criança se coloca em movimento em busca de sensações que lhe chegam através dos órgãos sensórias, ou seja, são aqueles que as crianças manipulam, cheiram, levam até a boca, ouvem, reproduzem os gestos” (PACAGNAM, 2013, p. 21). É fundamental que o professor de educação física realize as atividades de planejamento por meio das suas percepções e de criações baseadas nas condições que a turma apresenta. Cada grupo de aluno tem suas características e suas possibilidades para realizar cada etapa da atividade.

É preciso respeitar a fase que o educando está para não correr o risco de propor atividades que não sejam condizentes com a idade. Pois conforme maturação psicológica, cognitiva e motora ela consegue realizar determinadas atividades. Não se deve cobrar da criança aquilo que ela não está em condições de oferecer.

É salutar refletir que algumas das atividades que o professor da educação física planeja em interdisciplinaridade com outras disciplinas são importantes para que a criança se desenvolva. Assim cada atividade que é desenvolvida desperta na criança o prazer, envolvida com sensação de satisfação e de maneira espontânea vai envolvendo processos de aceitação e desenvolvimento das habilidades.

Conforme apresenta Caetano (2004) há três categorias de jogos que na visão dele deve ser ressaltado como fonte enriquecedora das atividades pedagógicas infantis. A primeira categoria engloba os jogos verbais compostos por imitações, mágicos, e jogos de iniciação. A segunda categoria elabora os jogos apresentados por ele de força e destreza e finalmente a terceira e última categoria, os jogos intelectuais.

No entanto, este tipo de classificação apresenta algumas lacunas, tais como o facto de alguns jogos não poderem ser inseridos numa mesma categoria, como é o caso dos jogos desportivos coletivos, os quais, mesmo podendo-se considerar na categoria Jogos de força e destreza, também se poderiam inserir na categoria dos jogos intelectuais, uma vez que para o seu sucesso é necessária uma reflexão rápida (CAETANO, 2004, p. 23).

Neste sentido vale ressaltar que o jogo é um recurso que o professor pode utilizar como meio articulador para que junto com o aluno possa conquistar novos interesses. Ampliam-se, portanto, a sua visão de mundo aumentando seu nível de aprendizagem. As escolas têm o papel de cumprir com algumas atividades e ações internas coletivamente na tentativa de propor o que é de mais específico para seus estudantes.

Replanejamentos das atividades voltadas a interesses comuns e coletivos a todos envolvidos levam os alunos a se aprimorar de maneira importante. Atividades psicomotoras podem além de promover os movimentos corporais contribuir para conhecimentos teóricos específicos de cada disciplina, já que ajuda a cada envolvido neste processo, seja professor ou educando a se entregar ao mundo lúdico e aos movimentos rítmicos propostos pelo professor.

2.3 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, se utilizando de revisão de literatura para trazer à tona autores que abordam questões pertinentes sobre o tema, a alfabetização e letramento na Educação Infantil. A pesquisa bibliográfica realizada por meio de “levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Portanto, uma pesquisa bibliográfica que teve como embasamento as teorias e autores que foram buscados em bancos de dados como scholar, SciELO, e sites universitários com monografias e artigos diversos.

Uma pesquisa bibliográfica busca por meio dos instrumentos de investigação tal como leituras, fichamentos, redações e construção de capítulos que abordam o tema, responder aos objetivos iniciais traçados. Por meio de referenciais teóricos publicados, busca tecer uma gama de informações visando melhor entendimento dos assuntos e de responder a problemática levantada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil é uma importante fase que necessita de professores capacitados para planejar de modo a atender as necessidades de cada faixa etária. É fundamental que se busque propostas baseadas no lúdico, nas brincadeiras, jogos, brinquedos, movimentos corporais, onde possa se desenvolver as mais diversas habilidades da criança.

Os estímulos recebidos nesta fase visam o preparo da criança para a vida, buscando de modo efetivo levar a criança as diversas oportunidades de acesso a cultura, de se tornar independente, ser agente responsável pelas suas decisões. Cada interação realizada em sala mediada pela ludicidade leva a criança a potencializar suas habilidades.

A brincadeira seja ela por meio de objetos ou por jogos e outras mediações que o docente propõe, amplia na criança suas descobertas, pois ela vai tentando conhecer o mundo a sua volta por meio dessas atividades que realiza constantemente. Por meio da interação com o brinquedo a criança cria consciência corporal, espacial, e interage com o meio em que vive e com as pessoas.

A psicomotricidade vem para contribuir neste sentido e auxiliar o campo da educação para exercer suas funções pedagógicas baseadas em novos paradigmas e que sejam inovadores para atender as novas demandas. As brincadeiras que compõem o repertório infantil remontam épocas e muitas foram passadas de pai para filho, muitas das atividades psicomotoras se utilizam de recursos brincantes como forma de motivar as crianças, conforme seus interesses.

O interesse da criança pelo brinquedo vai além de simples interesse pelo objeto que ele explora, pois ele pode criar personagens conforme atividade proposta. Se ele está brincando livremente muitas vezes consegue simbolizar outras atividades que não sejam a planejada pelo professor.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; KRAMER, Sônia. **Alfabetização na pré-escola: exigência ou necessidade?** Caderno de Pesquisa, São Paulo, 1985. Disponível em: Acesso em: 10 ago. 2018.
- ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Brincadeiras e Jogos típicos do Brasil.** Clube dos recreadores, 2014.
- BNCC, **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa.** Caderno de Apresentação. Ministério da Educação – MEC. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- CAETANO, Ricardo Jorge Bastos. **Identificação e análise das práticas lúdicas e recreativas em idosos jogos, brinquedos e brincadeiras dos nossos avôs: um estudo do gênero.** Coimbra, 2004.
- COSTA, Jessika Lenes de Vasconcelos. **A música no desenvolvimento psicomotor da criança na educação infantil.** Universidade de Sorocaba. Sorocaba – SP. 2015. Disponível em: <https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2015/07/trabalho-na-c3adntegra.pdf>. Acessado em 01 out. 2018.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** São Paulo: Cortez, 1993.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A compreensão do sistema de escrita: construções originais da criança e informação específica dos adultos,** (2006), In: FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2002.
- LUIZATO, Carla. **Contexto de letramento: é possível trabalhar com produção de texto na Educação Infantil.** Leopoldianum – revista de estudo e comunicação, v. 28, n. 78, p. 71-73, jun. 2003.
- GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **MÉTODOS DE PESQUISA,** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. acesso em 23 ago. 2018.

PACAGNAM, Lidiane. **O jogo como estimulação para o desenvolvimento da criança na educação infantil.** Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Medianeira 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4662/1/MD_EDUMTE_II_2012_10.pdf. Acessado em: 13 out. 2018.

SANTOS, Alessandra dos; COSTA, Gisele M. Tonin da. **A Psicomotricidade na Educação Infantil.** Revista de Educação do IDEAU, vol. 10, n. 22, 2015. Disponível em: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/278_1.pdf. Acessado em: 28 set. 2018.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamente. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** São Paulo: Cortez; Campinas/São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

SOARES, Jiane Martins. **A importância do lúdico na alfabetização infantil.** 2013. Disponível em <http://planetaeducacao.com.br/portal/imagens/artigos/diario/ARTIGO%20JIANE%20JOGO1.pdf>. Acesso em 10 ago. 2018.

SOARES, Magda. **Letramento: tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Oralidade, alfabetização e letramento. **Revista Pátio Educação Infantil** - Ano VII - Nº 20 – ArtMed, 2009.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Revista Presença Pedagógica**, v.9, n.52, p.15-21, jul.-ago./2003.

SOUZA, Fernanda. **Os jogos de mãos: um estudo sobre o processo de participação orientada na aprendizagem musical infantil.** Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2009.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra?** Paulo Freire, Donaldo Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.